

Ferramentas metodológicas para dialogar com os jovens a partir da experiência com grupos focais: aproximações da realidade para falar sobre o real.

Autora: Rayanne Alves da Silva

A instituição escolar é o principal meio em que os jovens têm para descobrir suas capacidades e possibilidades, e esta como mentora dessa descoberta deveria oferecer subsídios para que isso acontecesse. No entanto, na prática isso ocorre de modo diferenciado, pois a predominância de um ensino dotado de tradicionalismo em que a(o) professora(or) fala, trabalha com o material didático padrão que é distribuído apenas repassando o que já vem pronto e os alunos ficam apenas com a função de memorizar o que é passado, sem a possibilidade de uma reflexão, de uma discussão. Nessa perspectiva, segundo Libâneo (1994, pág. 91) “a unidade de ensino aprendizagem fica comprometida quando o ensino se caracteriza pela memorização, quando o professor concentra na sua pessoa a exposição da matéria, quando não suscita o desenvolvimento do aluno.”

Então é inviável que os jovens se desenvolvem como agentes ativos no seu processo de ensino-aprendizagem se na sala de aula não se dar oportunidades para que se manifestem a cerca das suas dúvidas, das suas opiniões, concordâncias ou discordâncias com determinados temas, desse modo tornam-se mais uma vez reféns do ensino moldado da reprodução do que o professor transmite.

Para que este jovem se construa enquanto um sujeito autônomo, livre, participativo, expressivo, é necessário que este esteja em espaços que lhe permitam que uma teia de relações deem origem a essa identidade, que é construída compassadamente. Mas não é fácil diante de tantos empecilhos que são postos nas escolas públicas. O tempo de hora-aula, a quantidade de aulas por disciplina, as metodologias dos professores, principalmente os jovens, pois estes acabam não tendo espaço de fala e nem de escuta, ações importantes e necessárias para que falem de si, sobre si e consigam se sentir agentes do seu próprio processo de aprendizagem.

É válido ressaltar também a dificuldade que a escola e os professores apresentam em se utilizar de métodos e metodologias de ensino que visem uma aproximação real do aluno para que este consiga se sentir envolvido na proposta em que está sendo pautada na sala de aula e de uma forma de diálogo que os façam se sentir próximos daquele debate, visto que as demandas atuais alteram completamente a maneira como os jovens se comunicam e se desenvolvem. Souza (2003, pag. 57) nos faz refletir sobre isso ao discutir sobre a nosso modelo de sociedade atual em que existe uma cultura midiática/midiatizante que se torna grande responsável pelas formação de opiniões, de hábitos, costumes e influencia diretamente nas relações sociais existentes.

Esse trabalho portanto, se dá com o intuito de apresentar as metodologias utilizadas para facilitar a comunicação e o diálogo com os jovens a partir de aspectos que fazem parte da sua realidade cotidiana, colhidas a partir da pesquisa “Juventude e formação: A filosofia no ensino médio”. Nessa pesquisa foram realizados quatro encontros de grupos focais que são grupos de discussões em que a ideia é fazer com que os participantes conversem entre si ao

invés de interagir apenas com quem está na mediação. E aconteceram com jovens do 1º ao 3º ano do ensino médio da Escola Estadual Wilson Gonçalves, em Crato-Ce.

Em cada encontro do grupo focal foi utilizado uma metodologia para que os alunos sentissem vontade e a vontade para participar. E foi pensando nisso, e percebendo a necessidade de um diálogo mais próximo que foram escolhidos as formas para iniciar as provocações nos grupos focais.

No I Encontro foi utilizado um trecho do documentário “Escola proibida” onde se faz uma relação entre a escola e o mito da caverna de Platão. No uso dessa primeira metodologia, foi possível observar que os alunos se sentiam mais confortáveis para falar porque partiam de um assunto que eles já tinham conhecimento, pois já haviam estudado sobre o Mito da caverna de Platão nas aulas de Filosofia e o ato de assistir e de ouvir causava um impacto e por isto ficavam atentos no que estava sendo passado.

No II Encontro, utilizamos de uma linguagem que muitos adolescentes se apropriam para expressarem o que estão sentindo ou aquilo que desejam falar, a música. Nesse encontro tínhamos como objetivo conversar um pouco sobre as perspectivas de futuro dos jovens, sobre o que almejavam, sobre os seus anseios e sonhos. Se aproximando também do gosto musical apresentado pela maioria deles atualmente, apresentamos a música de Racionais MC’s – A vida é um desafio - para provocar o debate. A reação foi imediata, pois muitos já afirmaram conhecer a música e enquanto esta tocava, os jovens acompanhavam cantando a letra da música. Ao encerrar a música, a conversa iniciou de maneira muito mais leve e descontraída, pois os jovens visivelmente se sentiam no seu espaço de fala, em se perceberem em um lugar que de fato era feito para escuta-los.

No III Encontro, a ferramenta metodológica utilizada foi como uma forma de problematização de conceitos e conteúdos trabalhados na disciplina de Filosofia. Selecionamos 11 imagens que faziam referências a várias situações, como: **Meninos salvando um cachorro; Foto de uma moça ressaltando o cabelo afro; Imagem que representa o homem entre o trabalho e o lazer; Foto de um homem dando comida a um morador de rua; Tirinha Verdade e mentira; As duas faces; Foto de uma mulher apreciando os bíceps de um homem – imagem ressalta a beleza de um corpo malhado; Imagem de um quadro que mostra uma bela jovem admirando um homem mais velho – os alunos denominaram de a bela e a fera; Imagem com um homem diante de um ponto de interrogação gigante com escada; foto de trabalho voluntario em um hospital com palhaços; Foto de um menino empurrando uma cadeira de rodas de outro menino e brincando com um avião**

E a partir dessas imagens os jovens iriam discutir sobre as suas concepções de bem, de verdade, do belo e de homem. A fluidez com que eles conseguem levar a discussão parte dos elementos que conseguem captar das imagens, então essa ferramenta metodológica especificamente fez com que os jovens refletissem até mesmo sobre as suas próprias concepções através das colocações dos colegas. Foi um momento de trocas onde o compartilhamento das ideias se tornou produto gerador até das suas próprias relações (internas e externas).

No IV Encontro, a finalidade era discutir sobre o ponto chave da pesquisa, ver qual sentido os jovens atribuíam ao saber filosófico na vida deles e qual era o sentimento de cada um a respeito do tempo de formação e das aulas de Filosofia. Para essa análise foram utilizados os recursos que os adolescentes mais tem acesso hoje em dia, os **emojis** das redes sociais.

A mediadora do grupo focal ia fazendo perguntas e ele tinham que escolher um emoji que melhor expressasse o sentimento daquela determinada interrogação. A facilidade em se manifestar se dava sobretudo por estarem se utilizando de ferramentas que cotidianamente estes jovens usam. E consequentemente, com a explicação do porque ter escolhido determinado emoji para representar a pergunta feita, dar-se ao jovem a oportunidade de se pronunciar da maneira que ele sabe e sente.

Pode-se perceber, a partir das análises feitas sobre cada metodologia utilizada nos grupos focais, que essas ferramentas metodológicas tornam-se instrumentos alternativos de uma metodologia ativa onde o jovem se torna o principal mediador da sua aprendizagem, pois é este que responde as provocações feitas, é este que precisa refletir a partir da música ou da imagem apresentada, é este que deve determinar o sentido de tal avaliação a partir das suas escolhas. Logo utilizar-se de novas metodologias, que são acessíveis e pertencentes a linguagem da comunidade adolescente, é fazer com que estes se sintam protagonistas da discussão e que os faça despertar para a possibilidade de serem sujeitos livres e ativos capazes de falarem sobre si, sobre o que pensam, o que desejam.

REFERÊNCIAS

Barbour, Rosaline. Grupos Focais. Porto Alegre: Bookman; Artmed, 2009.

LIBÂNEO, José Carlos. Didática. Coleção Magistério 2º grau. Série formação do professor. 14 Ed. São Paulo: Cortez, 1994.

SOUZA, Carlos Henrique Medeiros. Comunicação, educação e novas tecnologias. Campos dos Goytacazes, RJ: Editora FAFIC, 2003.